



Descontração presente na Semana de Design

Durante quatro dias, criatividade tomou conta dos pilotis

MATHEUS SALGADO



Exposição reuniu trabalhos desenvolvidos por alunos do Departamento de Artes&Design, além de oficinas, desfiles e experiências práticas

De 3 a 6 de novembro, os alunos do Departamento de Artes&Design puderam mostrar os trabalhos feitos no curso na 9ª Semana de Design. Houve diversas ati-

vidades, desde um encontro com organizadores da Horta Nossa até um desfile, desenvolvido pelos alunos com habilitação em Moda. Os visitantes aproveitaram a

mostra para participar de atividades interativas, como o Tinta Solta, projeto que envolvia uma instalação de grafite e uma câmera Kinect. **PÁGINA 3**

Homenagem à Educação a Distância

Dois jogos criados pela equipe da Coordenadoria Central de Educação a Distância – Treasure Explorers, e Most Wanted – receberam menção honrosa na terceira edição do Prêmio Hipertexto 2015 de Artes Digitais e Aplicativos Educacionais, da Universidade Federal de Pernambuco. O objetivo dos jogos é transformar exercícios técnicos em um processo lúdico, facilitando o aprendizado. **PÁGINA 5**

Talento reverenciado com prêmio

A artista plástica Thereza Miranda, professora do Departamento de Artes&Design na PUC-Rio, ganhou a 8ª edição do Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça, promovido pela Fundação Nacional de Artes (Funarte). A professora, que é uma referência para a arte no Brasil, leciona a disciplina de gravura na PUC há 41 anos. **PÁGINA 9**

Ex-alunos escrevem para novela global

Os ex-alunos de jornalismo Felipe Cabral e de cinema Cláudia Sardinha são colaboradores de roteiro da novela *Totalmente*

Demais, da TV Globo. Os dois também escreveram o roteiro de *Quero Ser Solteira*, série do canal Multishow. **PÁGINA 8**

Presépios: uma variedade em materiais, cidades e países

CENTRO LOYOLA PUC-RIO/THEO CARVALHO



PÁGINA 12

Peça feita de embalagem de iogurte, barbante e tecido vinda de Minas

Formação dos bairros cariocas

O livro *a Fazenda Nacional Lagoa Rodrigo de Freitas*, de Cláudia Gaspar e Carlos Eduardo Barata, mostra a partir de imagens a formação de cada um dos bairros que cercam, desde o início do século XIX, a Lagoa. O livro ajuda a compreender parte da história da cidade carioca, que neste ano completou 450 anos. **PÁGINA 11**



COLEÇÃO CBG

Imagens inéditas retratam os arredores da Lagoa Rodrigo de Freitas

Chip é uma esperança para cegos

PÁGINA 7

REITOR

Nesta edição, o padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., convida a comunidade a repensar sobre os costumes de consumo e o desperdício e cita o compromisso da Universidade na construção de uma nova mentalidade, mudando hábitos e difundindo costumes ecologicamente sustentáveis. **PÁGINA 2**

REITOR

Testemunhar com pequenas ações

A maneira mais eficaz de expressar o compromisso ético com as questões ambientais que preocupam a todos é testemunhar localmente, através de ações concretas, a nossa solidariedade com os graves problemas que afetam a qualidade de vida social e planetária, como nos recorda o Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si'* sobre as questões socioambientais.

Além do compromisso com a transmissão de saberes e formação profissional e cultural dos alunos, a Universidade é desafiada a colaborar na construção de uma nova mentalidade, mudando hábitos e construindo costumes que sejam ecologicamente sustentáveis. Diante desse desafio, somos convidados a repensar alguns consumos de nossa instituição, evitando desperdício e testemunhando o nosso compromisso com a sustentabilidade local e planetária.

Gostaria de chamar atenção para três aspectos que poderíamos colaborar e testemunhar para reduzir o consumo. São eles: energia, água e papel. Com

a crise dos reservatórios que abastecem as grandes cidades, a má gestão que desperdiça os recursos, o aumento do custo da energia, e o crescimento da escassez de água, sobretudo com as mudanças climáticas, a sociedade e a universidade são chamadas a repensar hábitos, buscar alternativas e criar medidas mitigatórias para evitar o desperdício.

Nos últimos anos, cresceu significativamente a consciência ambiental e a preocupação com as questões relacionadas com os problemas socioambientais na PUC-Rio, a ponto de recebermos títulos e menções qualificando-nos como uma instituição que caminha na linha da sustentabilidade, seguindo os princípios e metas da agenda ambiental da universidade. cremos que chegou agora, o momento de darmos mais um passo na linha do testemunho, procurando colaborar para diminuir o consumo de energia, água e papel.

Economizar energia significa apagar luzes e os aparelhos de ar-

-condicionado nos momentos em que as salas de aula estiverem desocupadas; não deixar aparelhos ligados nos fins de semana e feriados; não deixar os carregadores de telefones celulares muito tempo nas tomadas. Economizar água é não deixar torneiras dos banheiros abertas; não acionar várias vezes as descargas nos banheiros; não tomar banhos prolongados. Evitar o consumo excessivo de papel é imprimir frente e verso; não tirar cópias exageradamente; é aproveitar as partes das folhas para rascunhos e anotações; é utilizar mais CDs e pen drive nos trabalhos das disciplinas; é colocar o material reciclado nas lixeiras apropriadas, entre outros.

É necessário começar a mudar o mundo pelas novas ideias e pelo testemunho nas pequenas ações, fazendo localmente aquilo que gostaríamos que fosse estendido à toda a sociedade. O testemunho tem uma força inquestionável de mudança e convencimento.

■ **PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.**
REITOR DA PUC-RIO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

Nossa casa comum

Para nós que nos formamos anos atrás (no meu caso, muitos anos atrás!) a questão ecológica ou ambiental não aparecia ou aparecia bem pouco. Falava-se sim de justiça social nas relações dos seres humanos entre si e, sobretudo, com as classes mais desfavorecidas da sociedade. Na Igreja, no início dos anos 70, o Papa Paulo VI foi um dos primeiros a falar explicitamente da exploração inconsciente da natureza e da possibilidade de uma catástrofe ecológica. Desde então, tanto na sociedade como na Igreja, multiplicaram-se as referências e comentários às questões ecológicas. Nesse contexto, sobressaem as conferências organizadas pelas Nações Unidas sobre o tema do meio-ambiente e das mudanças climáticas, como a que terá

lugar em Paris em dezembro. Nos organismos que tratam de questões sociais, particularmente na Igreja, às palavras “justiça social” acrescentou-se “e ecologia”. Foi o caso do Secretariado Central dos jesuítas para questões sociais, em Roma, que passou a ser de “Secretariado em prol da Justiça Social” a “Secretariado em prol da Justiça Social e da Ecologia”.

Hoje se sublinha muito que essas duas questões, justiça social e ecologia, são inseparáveis e intimamente inter-relacionadas. O Papa Francisco no título da sua Encíclica, “*Louvado Sejas*”, sobre os problemas socioambientais, acrescenta “sobre o cuidado da casa comum”. Esse conceito de “casa comum” está, senão sempre explícito, sim subjacente ao lon-

go de toda a Encíclica. Na casa, no apartamento onde mora uma família não se podem separar os aspectos físicos, o ambiente, da convivência, das relações entre os seus membros, e, sobretudo, das necessidades dos membros mais vulneráveis e necessitados. Na “casa comum”, nesse mundo em que vivemos: “Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza” (*Louvado Sejas*, n.139).

■ **FRANCISCO IVERN, S.J.**
VICE-REITOR DA PUC-RIO

www.aaapucrio.com.br

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

A PUC-Rio e os 450 anos da cidade

A Escola de Líderes Operários e os desafios da memória

FOTÓGRAFO DESCONHECIDO. ACERVO CORREIO DA MANHÃ/ARQUIVO NACIONAL



Padre Velloso, S.J., em reunião com os alunos da E.L.O.. 15/03/1961

A criação, em 1957, da Escola de Líderes Operários da PUC-Rio é, como sugere sua sigla, um elo precioso na memória da Universidade, pelos desafios que esse episódio propõe àqueles que aventuram-se por seu território. Sua interpretação é um desafio em um triplo sentido.

A ELO desafia a compreender a atuação de seu idealizador, Pe. Velloso S.J., que conjugou sua trajetória acadêmica e pastoral com o empenho do engenheiro construtor de futuros. Como Reitor da PUC-Rio, organizou a Escola para “estender a cultura aos trabalhadores através de cursos adaptados às suas condições de vida, e ao mesmo tempo preparar líderes para os Círculos Operários e Sindicatos”.

Como um instituto complementar, a ELO contava inicialmente com dois cursos regulares: os Cursos Populares de Preparação Trabalhista e os Cursos Intensivos de Formação de Líderes. Em 1964, é criado o Instituto Superior de Líderes Operários para oferecer cursos, pales-

tras e encontros em tempo integral sobre sindicalismo.

Ela desafia também pelo contexto de que é expressão, em que a radicalização dos embates políticos pelo controle dos sindicatos e das classes trabalhadoras explicita tanto a polarização ideológica quanto o lugar central que o mundo do trabalho ocupava nos confrontos entre capitalismo e socialismo.

No tempo do Pós-Guerra, tão estranho ao mundo atual, globalizado e distópico, a Igreja Católica buscava manter sua influência na articulação política e social dos meios operários, em contraposição às propostas comunistas.

Apagada na constelação de episódios que compõem o panteão comemorativo da PUC-Rio, a ELO nos faz recordar que a memória, como a história, é feita de perdas e lacunas. Ambas operam como atos de escolha, em um entrelaçar contínuo e necessário entre lembrança e esquecimento.

■ **SILVIA ILG BYINGTON**
E YASMIN GETIRANA
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

JORNAL DA PUC

Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

COMUNICAR - Coordenador-Geral: Prof. Cesar Romero Jacob. Coordenadora-Adjunta: Profª. Julia Cruz. Coordenadora-Administrativa: Rita Luquini. **JORNAL DA PUC** - Jornalista Responsável e Editora: Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). Subeditora e Chefe de Reportagem: Profª. Adriana Ferreira. Projeto Gráfico e Diagramação: Profª. Mariana Eiras. **Fotografia**: Prof. Weiler Finamore Filho. **Ilustração**: Prof. Diogo Maduell. **Conselho Editorial**: Professores Adriana Ferreira, Augusto Sampaio, Cesar Romero, Fernando Ferreira, Julia Cruz e Miguel Pereira. **Anúncios produzidos pela Agência.Com**. Redação e Administração: Rua Marquês de S. Vicente, 225, 401-K, 22451-900, Gávea, RJ. Telefone: 3527-1140. E-mail: impresso.comunicar@puc-rio.br. Impressão: gráfica Folha Dirigida.

GIULIA SALETTO

Mostra: Desfile e diversas oficinas fizeram parte da programação da 9ª Semana de Design

A 9ª Semana de Design invadiu os pilotis do Edifício da Amizade com projetos inovadores dos alunos do Departamento de Artes&Design da Universidade. Entre os dias 3 e 6 de novembro, a mostra exibiu trabalhos que foram aprovados pela criatividade e utilidade pública que apresentam.

Projetos de moda, tecnologia e mídias sociais ficaram expostos para todos os visitantes verem de perto e interagirem com os trabalhos. Um deles era o Designmobi, desenvolvido pela professora de Design Joy Wormstill e pelos alunos dela. Era um site em tempo real que publicava fotos compartilhadas nas redes sociais com a hashtag #indoprapuc. Os alunos que postaram imagens do caminho que fazem para a Universidade tinham as fotos divulgadas no site. De acordo com a professora, a intenção era construir um mapa da cidade do Rio.

– A ideia é mostrar a relação das pessoas com o caminho que elas fazem todo dia. O que elas pensam e observam da cidade, e os pontos positivos e negativos disso – comentou.

O projeto teve ainda um mapa interativo para cada aluno desenhar o próprio caminho e deixar comentários e sugestões. Joy acredita que a mostra é uma oportunidade para os alunos demonstrarem os projetos desenvolvidos por eles.

– A mostra é um ótimo lugar para os alunos testarem projetos e a receptividade que eles recebem. Expor aqui é uma abertura para o mundo, por que passam muito mais do que só alunos da PUC.

Para o Diretor do Departamento, Claudio Magalhaes, a Semana de Design permite a criação de trabalhos que trazem novas tecnologias e possibilidades de atuação. Ele acredita que, em especial, este ano houve alguns projetos interativos muito interessantes.

– O design aparece aqui em várias formas, como na moda e na tecnologia. Os alunos conseguem desenvolver novas maneiras de expressão em diversos campos da nossa rotina.

Um deles é o Tinta-Solta, um dos que mais chamou a atenção dos espectadores. Foi montada uma parede de mural e uma instalação de grafite em que uma câmera infravermelha do Kinect recebia os movimentos manuais do usuário e os enviava a uma placa

Tecnologia, moda e arte nos pilotis

Projetos inovadores de alunos são expostos para o público

FOTOS MATHEUS SALGADO



Durante desfile, as produções assinadas pelos estudantes do curso de Moda são apresentadas na passarela

controladora, que interpretava os dados e movimentava os motores que controlavam a lata de tinta. Depois de agitar a lata, o spray era ativado com a aproximação da mão do usuário ao dispositivo. Toda a arte era feita por movimentos manuais e criava uma obra feita pela máquina e o artista.

A Semana de Design também ofereceu diversas oficinas práticas. Todos os encontros foram organizados pela Trama, um coletivo de alunos que busca ações colaborativas e criativas em espaços públicos da cidade.

Uma das oficinas foi sobre editoração e zines, com a participação de alunos que trabalham na Casa 27, uma editora independente. Eles ensinaram o formato zine, uma espécie de revista autopublicada de fácil montagem e impressão, em que o artista cria livremente por meio de colagens, desenhos, pinturas e textos.



Oficina de zines ensina como criar uma revista autoral e independente

Para o aluno de design Rodrigo Rosm, o objetivo da oficina é “colocar a mão na massa” e trocar ideias entre alunos com os mesmos interesses.

Houve também um encontro com os organizadores da Horta Nossa, um grupo de agroecologia formado por alu-

nos. A horta, que fica na Rua Marquês de São Vicente, em frente ao Planetário, faz parte de um projeto de ocupação independente dos estudantes. Durante a oficina, os participantes ajudaram a construir um espiral de ervas e bambu, inspirado nas formas geomé-

tricas do design. Aluno do 5º período de geografia e um dos organizadores do projeto, Martin D'orey considera que usar o espaço público para criar iniciativas do bem leva benefícios para o bairro e os moradores.

A oficina de desenho e aquarela foi com o aluno de design Vidi Descaves. Segundo ele, o projeto Linha, Forma e Cor tem o objetivo de treinar o olho dos artistas para o ambiente que os cerca. A tarefa era desenhar o que os alunos observavam à volta, de forma livre, e depois introduzir a técnica da aquarela.

– É importante que as pessoas treinem o olhar e como captam as informações de um ambiente. Assim, eles podem desenvolver um jeito próprio e pessoal de desenhar – explicou Vidi.

Para fechar a Semana, um desfile foi organizado com os projetos dos alunos de moda. O estilista Anderson Diniz apresentou a coleção “(Ane-xo)”, inspirada na poética do menos, em que o minimalismo se torna versátil e encantador.

– Todas as minhas peças são feitas para que o próprio público possa criar o sentido da obra. As peças são geométricas e feitas pela metade para cada um compor o look como quiser e com o que tiver no armário – contou o estilista.

Logo depois, o desfile surpreendeu com coleções que tinham como modelos drag-queens. O estilista Teddy Zany criou a coleção “Sinner Sex Show”, voltada para a causa drag e queer, com o objetivo de mostrar a liberdade que pode ser obtida pela roupa.

– Eu quis trazer o ambiente da noite, com roupas sexy para a coleção. A minha inspiração veio da Ms. S&M, que foi criada pelo ateliê Versace, em 1992. Minha intenção era mostrar a liberdade de pessoas felizes que podem vestir o que quiserem – contou Teddy.

Companheiros: Ex-alunos de Sociologia e Economia marcam jantar e prestam homenagem aos antigos professores

Reencontro em grande estilo

Turma que se formou em 1974 recorda as histórias de uma geração

CAIO SARTORI

Em 1974, o presidente Médiça dava lugar a Geisel, a ponte Rio-Niterói era inaugurada e a lei que determinava a fusão entre o Estado do Rio e o Estado da Guanabara era sancionada. No mesmo ano, um grupo de alunos, que se reencontrou no dia 13 de novembro deste ano para relembrar aquela época, se formava na PUC em Economia ou em Sociologia, cursos que dividiam o mesmo ciclo básico. O reencontro levou cerca de 20 daqueles formandos, que esbanjaram sorrisos em meio a caipirinhas e histórias, ao restaurante Victoria, no Jockey Club.

Com participação do Vice-Reitor Comunitário, Augusto Sampaio, e do Decano do Centro de Ciências Sociais, Luiz Roberto Azevedo Cunha, que eram professores da turma, o jantar foi organizado majoritariamente por Monica Pacheco, uma mulher de cabelos ruivos e encaracolados, arco com lacinho, vestido florido e sapatos laranja. Após a morte recente de um amigo da turma, Monica foi tomada pela vontade de promover um encontro. Co-



Vice-Reitor Comunitário, Augusto Sampaio, e Decano do CCS, Luiz Roberto Cunha, com os antigos alunos

meçou, então, a pesquisar no Google e no Facebook os antigos companheiros.

Telefone vai, telefone vem, formou-se um grupo no WhatsApp, batizado de Filhos da PUC por Silvio Buriti, o único dos melhores amigos de Monica que continua vivo. Buriti, hoje morador de João Pessoa, na Paraíba, é um homem de cabelos grisalhos, bem conser-

vado e de porte atlético, cuja vestimenta – camisa branca com estampa florida – combinava, na noite do jantar, com o vestido da amiga. Monica contou que era ele o responsável por agitar o grupo quando a empolgação parecia esmaecer.

– Quando eu via que o grupo estava parado, ligava para o Buriti e falava: “Movimenta esse negócio aí!”

Outro que veio de longe foi Augusto Portugal, um homem baixo, corpulento e de sorriso largo e fácil, parecido com o personagem do ator Ray Wise na série Twin Peaks, de David Lynch. Hoje aposentado em São Lourenço, interior de Minas Gerais, ele veio de moto ao Rio para rever os antigos colegas. Augusto e Buriti lembram de um caso inusitado da épo-

ca universitária, quando uma gincana fez com que os alunos levassem um macaco enorme para o campus.

– Deu um trabalho tremendo. No carro, o macaco ficava puxando o cabelo do Augusto. Foi hilário – comentou Buriti.

Empolgado a cada pessoa que chegava e eloquente nas histórias, Augusto Sampaio era só sorrisos e abraços. Do jeito brincalhão que lhe é característico, ele desempenhava, ao lado de Monica, o papel de mediador da reunião. Mas a emoção também fez parte da noite do Vice-Reitor Comunitário.

– A melhor coisa, como professor, é um ex-aluno me procurar com alegria. Quando vejo uma turma que até hoje se curte, é muito especial.

Antes de sentarem à mesa, diante de petiscos e caipirinhas, todos se agruparam feito colegas para tirar uma foto do reencontro. Prestes a bradarem “1, 2, 3, filhos da PUC!”, Augusto Portugal pediu, com humor, para que a foto fosse tirada depressa.

– Meu joelho não aguenta!

Leia a íntegra em:
www.puc-rio.br/jornaldapuc

Formação: A partir do próximo semestre, disciplina será obrigatória na Universidade e vai abordar o continente africano

Aula sobre a História da África ganha incentivo

Estudo mostra que o tema é pouco difundido nas redes escolares brasileiras apesar da importância mundial

GABRIELE ROZA

Os negros africanos transformados em escravos no Brasil influenciaram na culinária, na língua e na economia, traços que permanecem até hoje. Mas a pesquisa realizada pelo Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdades, em parceria com o MEC e a Unesco, mostra que a história dessa população é pouco contada nas escolas brasileiras. Para formar professores que levem a discussão racial para as salas de aula, a Universidade terá, no próximo semestre, disciplina obrigatória sobre a questão.

A Lei Federal Nº10639, de 2003, determina a inserção do

ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira no currículo oficial das escolas. Para orientar o processo de implementação da Lei, o MEC apresentou as Diretrizes Curriculares Nacionais, a qual estabelece que o Ensino Superior deve incluir a discussão da questão racial na matriz curricular dos cursos de licenciatura, especialmente nos cursos de Literatura Brasileira, Artes e História do Brasil.

Nesse sentido, as eletivas História da África 1 e 2, do Departamento de História, se tornarão obrigatórias no próximo semestre. As duas serão unificadas em História da África, que será inserida na grade

curricular do segundo período da graduação e ministrada pela professora Regiane Mattos, coordenadora no Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afrodescendente (Nirema). Segundo a professora, é importante aprofundar essas questões em sala de aula.

– No momento da reforma curricular, a proposta de tornar obrigatória a disciplina, que já existia como eletiva, foi muito bem aceita. Estudar a história da África é importante não só pela influência dos africanos no Brasil, mas por si só. A África é um continente que tem uma atuação histórica importante para o mundo todo.

A professora ressalta que a

Lei, que também estabeleceu o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra, promove a equidade social. Ela observa que a aplicação correta da Lei oferece a oportunidade para os estudantes aprenderem uma história que foi negada e apagada.

– Ensinar a história da África nas escolas e universidades tem, no mínimo, três funções: reconhecer a existência de uma história do continente e da produção do conhecimento feita pelos africanos; mostrar a relação que o Brasil tem com a África, a influência que os africanos tiveram na nossa história; e desconstruir as imagens negativas sobre a África, sobre

os africanos e sobre os negros descendentes de africanos no Brasil, combatendo o racismo por meio do conhecimento.

Outra disciplina que trata da questão racial foi criada neste semestre. O estudante de Ciências Sociais Lucas de Deus, integrante do Coletivo Nuvem Negra, composto por alunos negros da PUC, relata que o grupo solicitou ao Departamento de Ciências Sociais uma eletiva sobre movimento negro. O objetivo era levar para a sala de aula, a cada encontro, um militante intelectual do movimento negro para abordar um tema. A proposta foi aceita e a disciplina passou a compor a grade complementar do curso.

Educação: Jogos desenvolvidos pela CCEAD ganham destaque ao unir tecnologia e ensino

Aprendizado com jeito de diversão

Exercícios técnicos são transformados em atividades lúdicas

MATHEUS SALGADO



Igor Martins, Gilda Campos e Bernardo Nunes autores dos jogos educativos *Most Wanted* e *Treasure Explorers*, destaques no Prêmio Hipertexto

LUIZ FELIPE MARINHO

Os jogos *Treasure Explorers*, criado por Bernardo Nunes, Terhi Nurmiikko e a Coordenadora Central de Educação a Distância professora Gilda Campos, e *Most Wanted*, produzido por Bernardo Nunes e Igor Martins, receberam menção honrosa na terceira edição do Prêmio Hipertexto 2015 de Artes Digitais e Aplicativos Educacionais, realizado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no Simpósio Hipertexto: espaço científico aberto a apresentações de trabalhos acadêmicos e debates sobre ações pedagógicas postas em prática com o auxílio das novas tecnologias digitais de informação e comunicação.

Os jogos têm a finalidade de transformar exercícios que são bem técnicos em um

processo lúdico e fazem parte das modificações de práticas pedagógicas que são voltadas para a aprendizagem ativa, quando o aluno interage com o conteúdo.

Um dos responsáveis pela infraestrutura tecnológica da Coordenação Central de Educação a Distância (CCEAD) e do ambiente de aprendizagem on-line, Bernardo explica que *Most Wanted* é uma iniciativa para ajudar alunos das disciplinas de programação, INF1005 e INF1007. Ele transforma o conteúdo técnico em algo divertido, para que os estudantes possam trabalhar os exercícios não só nos laboratórios e salas de aula, mas também fora deles.

– O conceito do jogo é transformar um exercício técnico de programação em alguma coisa mais situacional. A

gente pega pequenas partes de um exercício comum e tenta fazer com que o aluno construa uma solução dentro do jogo. Colocamos elementos de *gamificação* para que ele seja estimulado a continuar jogando, como o ranking, o *badge*, a pontuação – conta.

Designer que atua na concepção, produção e gestão de mídias interativas educacionais, Igor utiliza as representações gráficas, por meio de uma interface amigável, com usabilidade, para manter o aluno motivado a concluir o jogo. O trabalho dele é criar uma maneira de conduzir o jogador para a resolução do problema.

– A cada nível, o jogador é desafiado com exercícios mais complexos, e os alunos ganham reconhecimento ao mesmo tempo em que o aprendizado da programação é esti-

mulado – explica Igor.

Gilda conta que, apesar de terem formações diferentes, os integrantes da equipe já trabalham juntos há 15 anos. Para ela, isso faz com que o grupo tenha afinidade para saber detectar as necessidades de criação das tecnologias digitais aplicadas em educação para as disciplinas de apoio presencial ou feitas totalmente a distância.

– Sou professora da Educação, o Bernardo é professor de Informática. O Igor era da informática, mas resolveu ser web designer. Além disso, ele tem a maturidade de 15 anos de vivência na área. Nós conseguimos perceber quais são as necessidades do desenvolvimento desses aplicativos para uso no desenvolvimento de aprendizado da PUC-Rio.

Treasure Explores é um jogo

de adivinhações de enigmas. Ele surgiu a partir do grupo de pesquisa da CCEAD com o Departamento de Educação. A finalidade é detectar o conhecimento do aluno em situação inicial. Bernardo chama o processo de “uma avaliação diagnóstica”, pois a ideia da equipe era não fazer provas usuais.

Pelo jogo, o professor pode saber como o estudante entra na disciplina. Assim, o profissional faz uma espécie de ensino personalizado, e saberá em que pontos o aluno tem mais dificuldades ou o que já domina. Bernardo diz que os acertos liberam dicas para um enigma mais difícil.

– A ideia é identificar essas deficiências logo no início, não no meio do semestre. Entendemos que, para o aluno resolver o enigma maior, ele precisa de outros conhecimentos mínimos. Se for direto para o enigma mais difícil e conseguir responder, entende-se que ele já tem aquele conhecimento. Do contrário, ele pode construir

“
Bom porque
motiva o
profissional a
buscar novas
formas de dar
aula
”

Gilda Campos

uma base por meio dos enigmas menores.

Para a equipe, o interessante de ganhar a menção honrosa do Prêmio Hipertexto é o reconhecimento de um trabalho bem realizado e que tem uma proposta pedagógica. Segundo Bernardo, a homenagem é bastante importante para inspirá-los a continuar a realizar o trabalho. Para Gilda, obter bons resultados de utilização com os alunos motiva a buscar mais novidades, em benefício de um conceito diferente de aprendizagem.

– Na verdade, quando desenvolvemos isso, estamos em busca de aprendizagens ativas. É bom para o aluno, e é bom para o professor, porque motiva o profissional a buscar novas formas de dar aula. Essa é a mudança nessa sociedade da informação.

Direitos: NAIPd viabiliza o acesso de estudantes ao Ensino Superior

Atitudes para superar diferentes deficiências

Professores e funcionários dão suporte pedagógico para o aprendizado

VITÓRIA CHRISTINO

Estudar em uma universidade é o grande sonho da maioria dos jovens. Muitos enfrentam obstáculos para concretizá-lo, mas, para as pessoas com algum tipo de deficiência, os desafios são redobrados. A acessibilidade nas instituições, sejam públicas ou privadas, são metas que vêm sendo estabelecidas como prioridades para garantir o direito desse público. Na PUC-Rio, foi criado o Núcleo de Apoio e Inclusão da Pessoa com Deficiência da PUC-Rio (NAIPd) para pensar iniciativas que contribuam no acesso à instituição e que garantam um dos direitos básicos de qualquer cidadão, a educação.

Fundado em 2007, o NAIPd tem o objetivo de permitir o acesso de alunos com deficiência e necessidades educacionais especiais e assegurar as condições de permanência deles na Universidade. O Núcleo age com professores e funcionários dos departamentos para oferecer o suporte pedagógico necessário para o aprendizado.

Este ano, em parceria com a coordenação de vestibular, foram feitas mudanças no questionário de inscrição e de matrícula. Com a unificação do sistema de coleta de dados, as informações foram alinhadas para tentar minimizar os erros de preenchimento e permitir que o Núcleo se aproxime dos alunos desde a fase da matrícula.

Segundo a supervisora do NAIPd, professora Renata Mattos Eyer de Araújo, no segundo semestre de 2015, foram cadastrados 189 alunos de graduação com necessidade educacional especial, e, desse total, 93 se autodeclararam com algum tipo de deficiência. Ela afirma que o NAIPd é um meio para viabilizar as ações de integração dos alunos e busca se adaptar às exigências dos estudantes. Se-



Eduarda Emerick diz que professores a ajudam a acompanhar o curso

gundo a supervisora, o Núcleo dispõe de vários recursos para auxiliar os alunos com diferentes deficiências em sala de aula.

– Desenvolvemos diversas ações, entre elas, o acompanhamento de intérprete de libras para alunos com deficiência auditiva, digitalização de texto para alunos com deficiência visual, tempo estendido para realização das provas para alunos com alguma deficiência intelectual e prova ampliada para alunos com baixa visão.

A estudante Eduarda Emerick, 19 anos, que cursa o 2º período de Biologia é atendida pelo NAIPd. Desde a infância, Eduarda enxerga com grande dificuldade, pois nasceu com glaucoma congênito, doença causada pela elevação da pressão intraocular. Com apenas dois dias de vida, ela fez a primeira operação. Com três anos de idade, Eduarda já tinha feito oito cirurgias, entre elas, o transplante de córnea. Porém, o organismo rejeitou o novo órgão, o que provocou descolamento de retina e a fez perder a visão.

Mesmo com as dificuldades, Eduarda surpreende ao contar as diversas atividades que já realizou ao longo da vida. Ballet, curso de dublagem, teatro, natação, inglês, acrobacia aérea, dança de salão, capoeira, escotismo,

yoga, piano, coral, violino e ainda foi parte do elenco da novela América, em 2005, quando interpretou o próprio papel, ao lado da atriz Bruna Marquezine.

Sobre a PUC, ela diz que, desde a época do vestibular, a coordenadora do Departamento de Biologia, Rejan Rodrigues Guedes-Bruni, a incentivou a fazer a prova. Eduarda conta que os professores têm investido e ajudado para que ela acompanhe o curso como os outros alunos. A estudante resalta o verdadeiro significado da palavra acessibilidade para ela, ao dizer que não importa ter estrutura se o apoio das pessoas não estiver presente.

– Acessibilidade, para mim, é a pessoa ser acessível. Não adianta ter uma rampa ou um piso tátil, se as pessoas não se importam com você. E, aqui na PUC, os professores têm vontade de ajudar.

Eduarda explica que escolheu um curso que requer muito da visão, mas que existem maneiras de adaptá-lo às necessidades dela.

– Muitas vezes o professor utiliza microscópio e, como não posso ver, ele ensina a matéria e vou tocando nas plantas para entender melhor. A cada dia surgem novos desafios que eu aprendo a enfrentar. Não vou desistir.

OBITUÁRIO

Adair Monsores

(1960-2015)

DIVULGAÇÃO



Adair Monsores tinha 55 anos e trabalhava na PUC-Rio há 27, na Fundação Padre Leonel Franca. Ele morreu de câncer, no dia 12, por volta das 19h, na Clínica São Carlos, no Humaitá. Segundo amigos, o funcionário, morador de Nova Iguaçu, era uma pessoa descontraída, fazia dança de salão e se orgulhava por ter trabalhado por tantos anos na PUC.

Presidente da Mantenedora da PUC-Rio e presidente da Fundação Padre Leonel Franca, padre Pedro Magalhães Guimarães Ferreira S.J., comentou que Adair era um funcionário sempre feliz e pronto a ajudar.

– A Fundação tem uma portaria própria, e ele era o porteiro. Além disso, também

desempenhava outras funções. Auxiliava outros funcionários e era sempre solícito com tudo que lhe era pedido. Era uma pessoa querida e ótimo funcionário. Vamos sentir muita falta.

Segundo a colega de trabalho Neide Rangel, o convívio diário com ele era prazeroso.

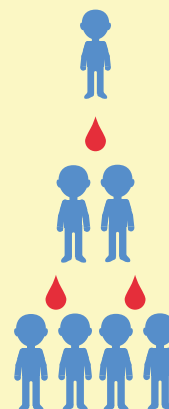
– O Adair era uma pessoa que falava alto, estava sempre sorrindo. Nos assuntos pessoais, era mais reservado, mas fora isso, não. Uma mania dele era falar “ô cumpadi, vem cá cumpadi”. Era muito divertido.

Adair era casado e tinha um filho de 27 anos. A mulher dele, Antônia da Silva Ferreira Monsores, afirmou que ele foi um marido e um pai sempre presente. Ela lembrou que, quando ficou doente, Adair nunca deixou faltar nada para ela.

– Tive hipertireoidismo, e ele esteve o tempo todo do meu lado. Ele pagou meus remédios, me acompanhava no tratamento, sempre me ajudou muito. Ele era uma pessoa muito boa. Não digo isso só porque ele morreu. Ele era uma pessoa boa de verdade.

VITÓRIA CHRISTINO

Tudo o que se compartilha, se multiplica.
DOE SANGUE.



Nossa meta é receber 40 doações diárias, no mínimo.
Para atingi-la, contamos com a sua doação!

Para doar é necessário ter entre 18 e 65 anos, estar em boas condições de saúde e pesar mais de 50 Kg.

De segunda a sexta
das 8h às 14h

Mais informações em:
inc.saude.gov.br | (21) 3037-2215



Hemonúcleo



Apoio:

Medicina: Chip implantado na superfície da retina, por meio de cirurgia oftalmológica, ajuda paciente a recuperar a visão

Tecnologia a serviço da saúde

Professor da PUC Flávio Rezende foi único brasileiro a realizar a operação

GISELE BARROS

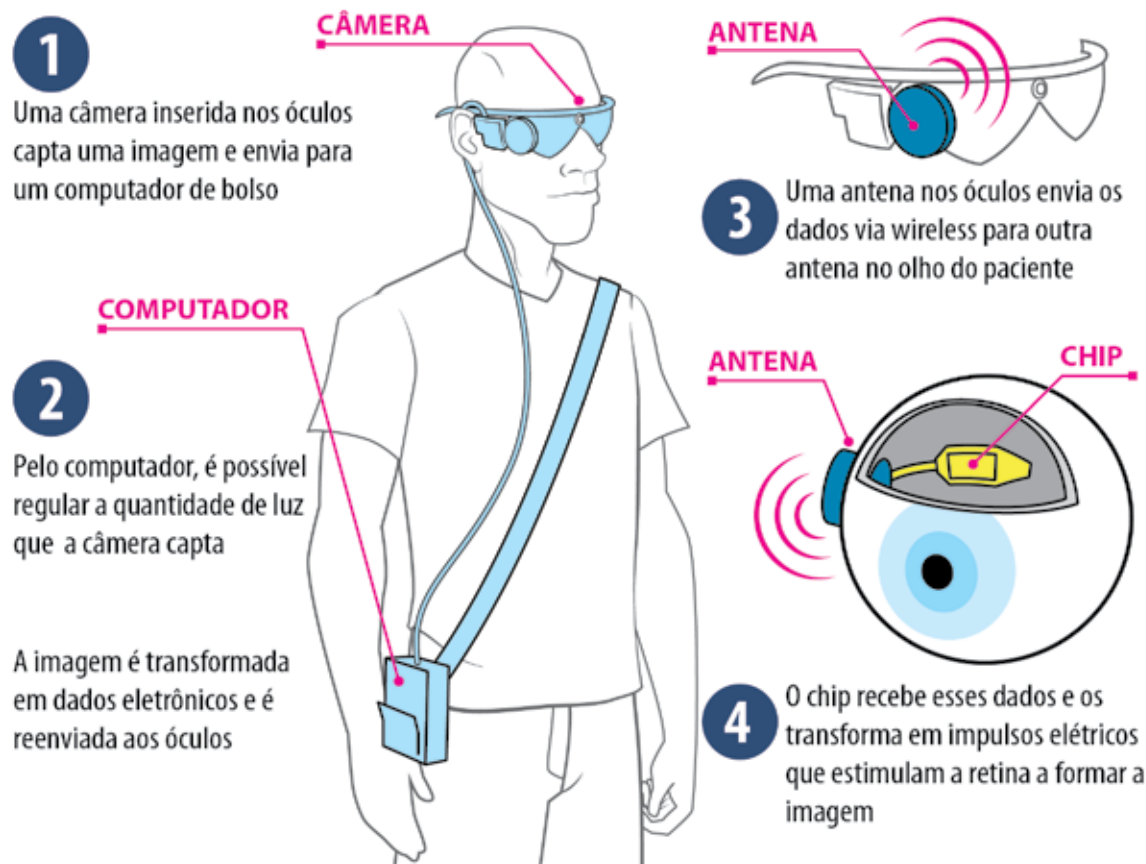
A implantação de um chip na retina é uma nova técnica que pode ajudar pessoas a recuperar a visão. O raro procedimento foi feito 150 vezes pelo mundo e somente um brasileiro já realizou essa operação, o oftalmologista Flávio Rezende Filho. Rezende é chefe do Departamento de Retina da Universidade de Montreal, no Canadá, e professor da Escola Médica de Pós-Graduação da PUC-Rio.

Implantado na superfície da retina, o eletrodo tem um cabo que se conecta com uma peça eletrônica na parte branca do olho. Ao lado dessa peça eletrônica há uma antena que transmite as informações para a outra antena instalada nos óculos que deve ser usado pelo paciente. Existe uma microcâmera inserida no centro dos óculos, que capta as imagens que serão visualizadas pela pessoa. O dispositivo é controlado por um computador de bolso, no qual é possível regular também a quantidade de luz que será captada pela câmera.

A cirurgia é indicada apenas para pessoas que perderam a visão ao longo do tempo, quando alguma doença – na maioria dos casos, genética – afeta as células fotorreceptoras do olho. O restante das funções ópticas continua funcionando, mas as distrofias impedem que a luz seja traduzida em impulso nervoso que permite a visão. O aparelho utilizado nessa técnica capta a luz e estimula as células que ainda funcionam na retina.

COMO FUNCIONA

DIOGO MADUELL



Assim, a imagem é levada até o cérebro pelo nervo óptico e o paciente volta a enxergar.

O procedimento é um desafio. Operações na retina normalmente duram de 20 minutos a duas horas, mas nesse caso, a cirurgia é realizada em quatro horas e meia. Para dominar a nova técnica, Rezende participou de um treinamento intensivo com um cirurgião experiente na Itália e de um encontro mundial com médicos especializados nesse tipo de prótese retiniana.

– É uma nova era na cirurgia vitroretiniana. Nós não es-

távamos acostumados com a implantação de nenhum equipamento eletrônico nos olhos. O tamanho dos objetos que precisamos colocar dentro do olho ainda é muito grande. A dificuldade de manusear coisas grandes dentro de um espaço pequeno torna a cirurgia um desafio.

Como toda a cirurgia, essa também oferece riscos. O tamanho do equipamento que precisa ser implantado no olho pode gerar complicações como a falta de pressão e a deiscência (abertura de suturas) do tecido da parte branca do olho, que

pode ficar muito esticada. O resultado também não é imediato. É necessário que o olho do paciente esteja completamente cicatrizado antes que a câmera seja ligada. Este período dura de quatro a oito semanas. A paciente operada por Rezende ainda está no processo de cicatrização, mas provavelmente ligará a câmera pela primeira vez no próximo mês.

A nova visão não é como a humana e sim, digital, resultado do agrupamento de pixels. A tecnologia atual também só oferece aos pacientes a pos-

sibilidade de ver em preto e branco. A companhia responsável já afirmou que em 2016 a nova versão do aparelho deve possibilitar que se enxergue em cores. Segundo o professor da PUC-Rio, é necessário um treinamento intensivo e muita motivação por parte do paciente para se acostumar com outra maneira de ver o mundo.

Rezende tem como meta trazer essa cirurgia para o Brasil. Segundo o médico, a companhia responsável pelo equipamento já apresentou a proposta à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e ele torce para que em meados de 2016 a tecnologia esteja no país. Para isso, é necessária também a presença de um médico que tenha feito essa operação para realizar cursos e participar da primeira sessão. O custo do equipamento também é um obstáculo. Sem incluir gastos com centro cirúrgico ou honorário de médicos são necessários US\$ 150 mil para fazer o implante.

– É uma cirurgia bastante dispendiosa. No Canadá, como o sistema de medicina é socializado, estamos pleiteando perante o governo a possibilidade de oferecer essa tecnologia à população que precisa do equipamento. As doenças que comprometem os fotorreceptores são relativamente raras. Isso significa que no momento atual não haverá uma quantidade enorme de pacientes, o que talvez nos beneficie a convencer o governo a começar a financiar isso, servindo de exemplo para o Brasil.



PENSE ALTO, PENSE GRANDE.

Faça MBA na melhor universidade privada do Brasil.

FINANÇAS CORPORATIVAS | GERENCIAMENTO DE PROJETOS | GESTÃO COMERCIAL
GESTÃO DE INVESTIMENTOS | MANAGEMENT | MARKETING | RECURSOS HUMANOS

Inscreva-se já!

Início das aulas: abril 2016
Vagas limitadas

Carreira: Felipe Cabral e Claudia Sardinha colaboram na trama da novela 'Totalmente Demais'

Desafios de criar roteiro para a TV

Ex-alunos contam nova experiência por trás das câmeras

LORENA MUNIZ

É no décimo segundo andar de um apartamento no Leblon que a mágica acontece. Entre os escritores talentosos que ali se encontram diariamente, estão Felipe Cabral e Claudia Sardinha. Formados pela PUC-Rio, em jornalismo e cinema, respectivamente, eles hoje são colaboradores de roteiro da nova novela das 19h *Totalmente Demais*, da TV Globo, cuja estreia foi no dia 9 de novembro.

Crias do Tablado, famosa escola de teatro da Zona Sul do Rio, Felipe e Claudia chegaram a atuar juntos na peça *O Dragão Verde*, escrita por Felipe. Mas a parceria dos dois começou, de fato, um pouco depois, com o temido trabalho de conclusão de curso. Claudia teve a ideia de fazer uma websérie e convidou Felipe para escrever, com ela, o roteiro de *Quero Ser Solteira*, que mais tarde viraria uma série do canal Multishow.

Acostumados a escrever um roteiro a quatro mãos, eles experimentam agora uma nova metodologia de trabalho. Apesar de juntos no mesmo espaço, a escrita é desenvolvida de maneira separada.

– Está sendo uma experiência nova. Antes, nós trabalhávamos de uma forma muito simbiótica e, agora, cada um recebe cenas separadas, o trabalho é um pouco diferente. Mas ainda trocamos muito, até porque somos amigos também – explica Claudia.

Os autores de *Totalmente Demais*, Rosane Svartman e Paulo Halm, são os responsáveis pela ideia da trama, aquilo que é o fio condutor durante a novela. Eles *escaletam* os capítulos – um resumo do que vai ocorrer em cada cena – e depois distribuem esse planejamento entre os colaboradores de roteiro. A partir daí, Fe-



Os ex-alunos de jornalismo e cinema da PUC-Rio, Felipe e Claudia, estudaram juntos na escola do Tablado.

lipe e Claudia dão seguimento à história. Mas nem sempre um mesmo roteirista escreve um determinado núcleo ou personagem. Os autores revezam para quem mandam as cenas e assim vão testando as afinidades dos escritores com as histórias.

– É uma oportunidade de todo mundo saber escrever sobre todo mundo. É muito importante a gente saber se alternar – conta Claudia.

Além de escrever, Felipe também é responsável pelo trabalho de pesquisa. Ele conta com a ajuda de uma consultoria jurídica e médica que presta serviços para a novela, mas ainda assim precisa buscar informações por fora para escrever histórias verossímeis à vida real. É o caso de um personagem atleta que, por causa de um acidente, vai ficar paraplégico e se tornar um paratle-

ta. O roteirista diz que o curso de Jornalismo o ajudou nessa parte do processo.

– Nisso, a faculdade de Jornalismo acabou, depois de anos, fazendo mais sentido para mim. Eu gostava muito de entrevistar pessoas, então acabou sendo muito útil nessa parte da pesquisa para mim – comenta.

O enredo da novela gira em torno de um triângulo amoroso, formado pelos personagens de Fábio Assunção (Arthur), Marina Ruy Barbosa (Eliza) e Felipe Simas (Jonas). De gata borralheira, Eliza será transformada em princesa pelo magnata Arthur, o príncipe encantado, mas ao mesmo tempo se apaixona por Jonas, que a ajuda a sobreviver nas ruas depois que ela foge de casa. A expectativa é que haja torcida nas redes sociais para os casais, mas nem mesmo os roteiristas

dele que Eliza espera conseguir uma vida melhor para a família. Claudia conta que, além disso, os telespectadores poderão acompanhar os bastidores do concurso por uma websérie em formato de reality.

– O público vai poder ver na internet tudo aquilo que ele não tem tempo de ver na TV. Quem for adepto da segunda tela vai ter esse a mais – explica.

Totalmente Demais é um conto de fadas moderno, mas que faz referências a filmes clássicos e à literatura. Uma das alusões presentes no enredo é o longa-metragem *Luzes da Cidade*, de Charlie Chaplin. As situações vividas pelo casal Jonas e Eliza, por exemplo, algumas vezes remetem ao filme.

– Eu acho que é uma maneira lúdica de trazer mais romance para a história dos personagens. Estou louco para ver, no meio da novela, aparecer o Chaplin. Acho que vai ser de muito bom gosto e muito bem usado – conta Felipe.

Outra referência é o mito grego de Pigmalião, em que o criador se apaixona pela criatura. Na novela, o criador é Arthur, que transformará a arisca Eliza na Garota Totalmente Demais, um concurso para uma revista de moda.

É a primeira vez que Felipe trabalha no roteiro de uma novela. Apesar de ser formado em jornalismo, foi na dramaturgia que descobriu a verdadeira vocação. Ele escreveu, atuou e dirigiu três curtas: *Gaydar*, *Rótulo* e *Aceito*. Já Claudia teve sua primeira experiência na TV em *Malhação*, como colaboradora de roteiro da última temporada, a *Malhação Sonhos*. Ela chegou a cursar quatro períodos do curso de publicidade, mas percebeu que o seu lugar era no curso de cinema. Claudia também escreveu a terceira temporada da série *Vai que Cola*, uma comédia.

A dupla acredita que a formação pregressa ajuda na conquista de novos trabalhos. Na era do cinema digital, em que a autopublicação se torna cada vez mais possível, não existe motivos para “deixar ideias dentro da gaveta”. Para Felipe, a dica é acreditar e fazer os próprios projetos, que o retorno virá.

– Acaba sendo um cartão de visita para as outras pessoas, porque começam a encarar a gente como pessoas que se produzem, e eu acho que trabalho gera trabalho. Então, façam os seus projetos, mesmo – ensina.

“É uma oportunidade de todo mundo saber escrever sobre todos”

Cláudia Sardinha

sabem ainda com quem a personagem vai ficar no final.

A novela promete ser interativa. Já antes da estreia, houve uma ação nas redes sociais em que meninas podiam se candidatar ao concurso Garota Totalmente Demais e participar das gravações. O concurso existe na novela, e é por meio

Mérito: A artista leciona gravura na Universidade há mais de 40 anos e é admirada pelos alunos por amor à profissão

Professora é referência nacional em fotogravura

Thereza Miranda vence o Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça

ACERVO PESSOAL THEREZA MIRANDA



A artista, cujas obras compõem coleções institucionais em diversos museus pelo país, assina uma gravura

ALINE RÍPOLI

Vocês conhecem lápis? É com esta pergunta que a artista plástica Thereza Miranda dá início às aulas no curso em que ministra no Departamento de Artes&Design na PUC-Rio. Referência para a arte em gravura no Brasil, a professora, que acaba de ganhar a 8ª edição do Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça, promovido pela Fundação Nacional de Artes (Funarte), faz questão que os alunos apresentem os projetos do curso feitos à mão. Segundo a gravadora, educar o olhar é outro ponto fundamental para a criação artística.

O prêmio concedido pela Funarte contemplou, por meio do projeto *Tereza Miranda e Museu Nacional Belas Artes*, o Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, que receberá 67 gravuras da artista. As obras estarão disponíveis para consulta a partir de 2016.

Nascida em julho de 1928, no Rio de Janeiro, Thereza estudou filosofia na PUC em 1947. No mesmo ano, o inte-

resse pelo papel e pela gravura a levaram ao curso de gravura em metal no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM) com Walter Marques, o qual a artista qualifica como seu grande mestre.

Em 1974, recebeu a bolsa do British Council para estudar técnica de fotogravura com Denis Masi, no Croydon College of Art, em Londres, e, dois anos mais tarde, ganhou o prêmio de Viagem ao Exterior no Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com a obra *Multidões II*. No currículo, ainda constam um curso de litografia na University of New Mexico, em 1977, e um período em Nova York, onde trabalhou sob orientação de Roberto De Lamônica e se aperfeiçoou em fotogravura com Margot Lovejoy.

Paralelamente à produção como artista plástica, Tereza ministra há 41 anos aula de gravura no Departamento de Artes&Design. Gravura em metal, xilogravura e monotipia são algumas das técnicas que ensina para os alunos. Nas aulas, a artista diz que tenta mostrar aos alunos a importância da beleza, do olhar, da criatividade, do desenho e da mão. Segundo ela, um designer não é apenas um produtor de projetos, ele precisa apresentar qualidade no que faz. E, para isso, tem que saber usar as mãos e apurar o olhar.

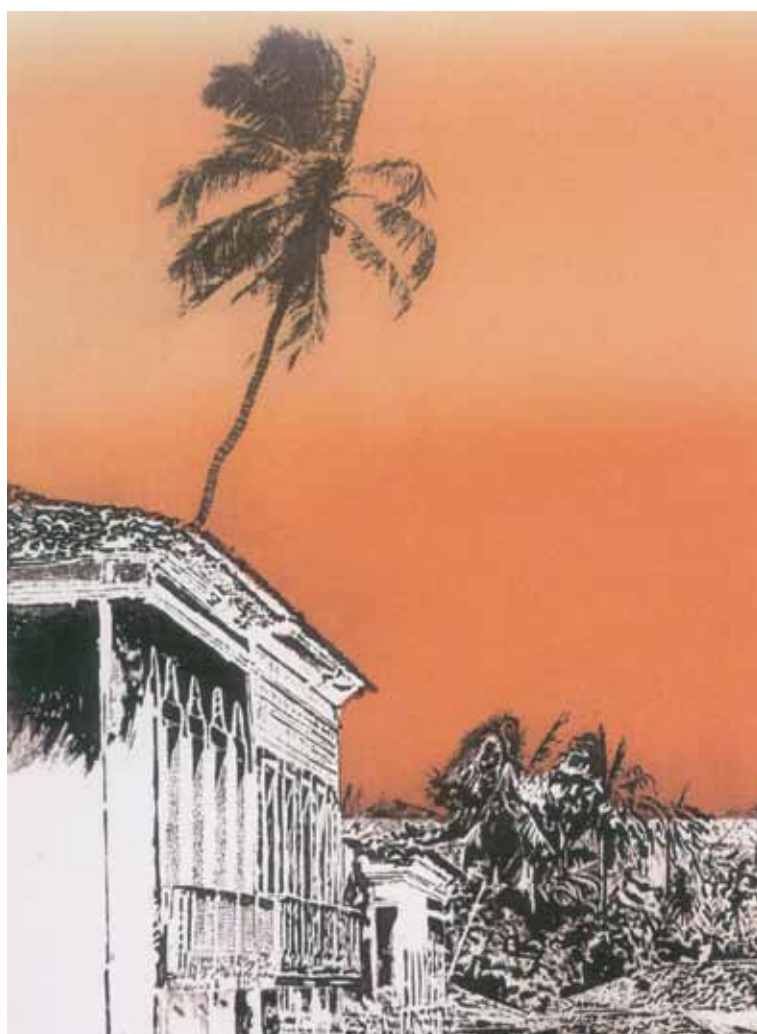
Gratidão é a palavra mais repetida pelos alunos de Thereza. A professora é elogiada pelos alunos, como é o caso das estu-

dantes de Comunicação Visual, Luiza Graça Melo Vieira e Maria Luiza Murce. Elas acreditam que, apesar de ser uma disciplina eletiva, o conteúdo é essencial para a formação, já que aprendem as primeiras técnicas de impressão, além de absorver a paixão de Thereza pela gravura.

– É uma matéria que conseguimos explorar o desenho, as técnicas e descobrir como é o nosso traço pela gravura e assim, criar uma identidade própria. Ela nos deixa livre, podemos nos inspirar com os desenhos e as figuras que quisermos. Não tem certo nem errado, tem o seu traço, a sua expressão e o seu jeito de fazer aquilo, é só usar a técnica. É muito gratificante aprender com ela e extrair um pouco daquilo que ela faz tão bem e ama tanto. Ela passa esse amor nas aulas – conta Luiza.

Com imagens que contemplam a natureza, numa tentativa de proteger e imortalizar nosso patrimônio natural, a obra da artista carioca sensibilizou até mesmo o poeta Carlos Drummond de Andrade. Em 1983, depois de visitar a exposição de Thereza, na Galeria Bonino, considerada uma das primeiras galerias profissionais do Brasil, Drummond enviou um poema à casa da artista na Urca. Ela conta que um dia recebeu um telefonema da dona da galeria, Giovanna Bonino, dizendo que o poeta estava apreciando o trabalho dela exposto na galeria.

– Passado um tempo, eu fui para casa, que naquele tempo ficava na Urca, e, quando eu subi, vi que tinha uma carta de Drummond. Eu então, muito nervosa, telefonei para a Maria Clara Machado, minha amiga de infância e fundadora do Tablado. “Clara, imagina que Drummond me fez uma poesia”. E ela me disse: “Ligue para ele, ele adora falar no telefone”. Eu então liguei e começamos a falar por telefone – lembra.



Fotogravura Palmeira Solitária-Alcântara-Maranhão feita por Thereza

“
Imagina que
Drummond
me fez uma
poesia
”

Thereza Miranda

Memória: Árvore foi plantada em homenagem ao ex-estudante torturado e morto durante ditadura militar nos anos 70

Lembrança de um herói da resistência

OLIVIA NIELEBOCK

Quem passar pela Vila dos Diretórios com um olhar mais atento aos detalhes que compõem o local vai perceber que existe uma planta especial, em memória a um ex-aluno que marcou a história da Universidade. É a árvore do Raul. Torturado e morto durante a ditadura militar na década de 1970, o estudante Raul Amaro Nin Ferreira foi homenageado, em 2014, com o plantio da árvore, um sinal de vida e de resistência, para que a história dele nunca fosse esquecida dentro da Universidade. Porém, apesar de estar em uma área de grande circulação, poucos a notam ou sabem sobre ela.

A pequena muda de pau-mulato (*Calycophyllum spruceanum*) foi escolhida pela família de Raul por ser a mesma planta que havia na casa do estudante. Ela fica no canteiro da Casa X, em frente ao Serviço Médico. No local, uma placa traz uma frase de Raul, como um convite à reflexão.

O pau-mulato é uma planta ornamental, que atinge de 20 a 35 metros de altura. O tronco é retilíneo e só se ramifica no ápice. A casca é fina, de coloração esverdeada quando a planta é nova e escurece à medida que ela cresce. O pau-mulato pode ser encontrado em toda a região amazônica, especialmente ao longo do Rio Amazonas. Brasil, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia são os países onde existe a árvore. As flores são aromáticas, branco-esverdeadas e tem de 10 a 12 milímetros de comprimento. É usada na medicina caseira para tratar cortes, feridas e queimaduras, infecções, além de ter uma ação antioxidante.

A vida de Raul tornou-se conhecida na PUC em junho de 2014, ano do cinquentenário do Golpe Militar, após o plantio da árvore. A iniciativa, do Centro Acadêmico de História (Cahis), teve o apoio da Universidade.

Poucos sabem significado de planta na Vila dos Diretórios



BRUNO PAVÃO

Além da árvore, um relatório sobre a morte do engenheiro foi publicado pela Editora PUC, com o livro *Raul Amaro Nin Ferreira: relatório*, escrito pelos sobrinhos do engenheiro.

Em 2015, o Diretório Central de Estudantes (DCE) passou a se chamar Raul Amaro. De acordo com Pedro Duarte Junior, atual presidente do DCE, a ideia foi do Vice-Reitor Comunitário, professor Augusto Sampaio, contemporâneo de Raul nos anos 1960.

Raul foi aluno da PUC-Rio e participou, depois de formado, de uma rede de apoio ao Movimento Revolucionário 8 de Outubro, o MR-8. Em 1971, foi preso durante uma blitz e encaminhado ao Departamento de Ordem Política e Social (Dops) da Guanabara. Depois de duas semanas de tortura, Raul morreu no dia 12 de agosto, no Hospital Central do Exército

(HCE). Aos 27 anos, ele já havia se formado em Engenharia Mecânica, estava noivo e tinha acabado de ganhar uma bolsa de estudos na Holanda.

A iniciativa de plantar a árvore foi da professora Luciana Lombardo, do Departamento de História. Para ela, é importante ter um espaço que mostre que o assunto foi abordado na Universidade.

– O objetivo era materializar um pouco a lembrança, mas está fora do nosso controle decidir o que as pessoas vão lembrar, se o aluno vai parar na correria e olhar a placa. Não queremos também ritualizar isso, fazer uma “over-memória”. Acho que a homenagem cumpre o papel, e eu tenho o maior orgulho dela.

Aluno do 8º período de História, Lucas Pedretti foi um dos responsáveis pela realização do plantio. Apesar de ver

no possível esquecimento da árvore um processo natural, Lucas e Luciana apostam na redescoberta do lugar de tempos em tempos. Para os dois, esse legado é fundamental, mas eles têm preocupação com um possível descuido do local. Luciana acredita que uma eventual morte da planta traria uma energia negativa.

– A cultura de plantar árvores que representem a vida dos mortos nasceu na Argentina. Acho que a árvore morrer de descuido é pior do que sofrer um possível atentado, por exemplo, dos enxergam aquele período de outra forma. A árvore ficar quieta ali e não incomodar é uma vitória estratégica.

Lucas considera que a história de Raul ainda será referência para a PUC.

– Assim como o Raul, outros alunos da Universidade so-

No canteiro onde está a árvore, há uma placa com a reprodução de um texto de Raul Amaro

freram consequências durante a ditadura. É fundamental que eles sejam lembrados por aqueles que hoje frequentam a PUC e que não desejam que passemos por isso outra vez.

Pedro Duarte também defende que soluções sejam propostas para que a memória de Raul Amaro permaneça viva no campus.

– Uma forma de aumentar a repercussão seria realizar uma comemoração anual, na data do plantio. Com a regularidade, de repente, a comunidade acadêmica ficaria sabendo. Se hoje as pessoas não sabem, ou pouco sabem, e o plantio foi ano passado, daqui a quatro anos ninguém vai lembrar.

GIULIA SALETTO

História: Livro mostra como a área da Zona Sul passou a ser desenhada a partir do Império

E tudo começou com um engenho

Bairros surgiram ao redor da Lagoa Rodrigo de Freitas

FOTOS COLEÇÃO CBG

A cidade do Rio de Janeiro, especialmente a Zona Sul, não foi sempre separada da forma como conhecemos hoje. No livro *A Fazenda Nacional Lagoa Rodrigo de Freitas*, de Claudia Braga Gaspar e Carlos Eduardo Barata, os autores contam de forma vívida e com imagens inéditas a formação específica de cada um dos bairros que cercam a Lagoa. O livro recebeu o patrocínio da prefeitura e ganhou o selo oficial da Biblioteca Rio 450 por ajudar a compreender a história da cidade carioca.

Desde o início do século XIX as terras que cercavam a Lagoa eram propriedade do capitão português Rodrigo de Freitas e, por isso, chamadas de Engenho da Lagoa Rodrigo de Freitas. Em 1808, quando o capitão retornou a Portugal depois da morte da mulher, a região foi incorporada pelo país como a Fazenda Nacional da Lagoa Rodrigo de Freitas. A partir daí, o território se desdobrou em várias terras ocupadas por chacareiros. Foi somente na passagem da Monarquia para a República que essas terras foram desapropriadas e os arrendatários tiveram que comprar os próprios lotes ou devolvê-los à União. Com esta partilha e o crescimento da população que buscava a área, os bairros da Zona Sul começaram a ser desenhados e urbanizados.

Os autores, o diretor do Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, museólogo Carlos Eduardo Barata, e a historiadora e pesquisadora Claudia Gaspar, desenvolvem pesquisas sobre os bairros cariocas há mais de 20 anos. Por causa da grande quantidade de arquivos e dados valiosos que encontraram ao longo dos anos, eles se juntaram para escrever vários livros sobre o desenvolvimento da Zona Sul, como *Villa Ipanema*, sobre a formação do bairro, e *De Engenho a Jardim* sobre o Jardim Botânico.

– Toda vez que nós escrevamos um livro, encontrávamos ainda mais informações sobre o Rio. No final, vimos que, de todo o conteúdo que sobrou, dava para sair um livro completo sobre todos os bairros da Zona Sul. E aí foram mais alguns anos de pesquisa para finalizar – lembra Carlos Eduardo.

De acordo com Claudia, o interessante desta edição é que ela engloba a criação dos bairros do Jardim Botânico, Horto,



Vista da Praia de Ipanema nos anos 50, sem prédios altos e com poucos carros, uma visão bem diferente da movimentada região de hoje



Imagem da Avenida Epitácio Pessoa, nos anos 30, trecho de Ipanema

Gávea, Leblon, Ipanema, Lagoa e Fonte da Saudade, porque foi encontrada uma grande quantidade de arquivos inéditos sobre essas áreas. Além disso, a autora acredita que esse tipo de história é essencial para a educação dos cariocas em geral e desenvolve um senso de pertencimento da cidade.

– Só passamos a ter carinho por algo quando nos sentimos pertencentes, e esse sentido se desenvolve quando temos mais conhecimento sobre o assunto. Com esse conhecimento, as pessoas passam a ter maior amor e carinho pela cidade e assim passam a preservar e amá-la ainda mais.

“Com conhecimento, as pessoas passam a ter maior amor pela cidade”

Claudia Braga Gaspar

O que mais encanta os autores são os arquivos únicos que eles conseguiram achar durante as pesquisas, que foram todas feitas de forma manual em bibliotecas ao redor do Rio. Uma dessas descobertas é o desenho panorâmico da escritora e ilustradora britânica Maria Graham, feito em 1821,

que demonstra toda a vista da Lagoa e seus arredores.

De acordo com os autores, este seria o primeiro panorama da cidade pintado em sépia e bico de pena. Para Carlos Eduardo, essa parte de iconografia, as imagens, é muito importante para enriquecer o texto do livro, elas detalham as histórias que são contadas em cada capítulo.

– É a história de uma capital ainda desconhecida, pois muitas dessas informações nunca foram divulgadas. Esse trabalho foi composto por muitas alegrias e tristezas. Alegrias por encontrar documentos e imagens únicos, e tristezas por às vezes não poder usá-los como gostaríamos – afirma.

Independente dessas tristezas, ele acredita que a memória resgatada no livro *Fazenda Nacional Lagoa Rodrigo de Freitas* foi feita para alegrar todos os cariocas da gema.

Coleção: Diretor do Centro Loyola de Fé e Cultura reúne em mostra trabalhos de artistas sobre o nascimento de Cristo

Olhares diversos para o Natal

Exposição de 160 presépios revela a riqueza de artesãos de vários países

LUIZ FELIPE MARINHO

Em parceria com a Arquidiocese do Rio de Janeiro, o Centro Loyola de Fé e Cultura PUC-Rio expõe 160 presépios, confeccionados por artesãos de 40 países de todos os continentes. O mais antigo deles foi produzido no século XIX. Os itens fazem parte da coleção particular do diretor do Centro Loyola, padre José Maria Fernandes, S.J.. A exposição ficará aberta até o dia 20 de dezembro, das 8h às 16h, na Catedral Metropolitana de São Sebastião, na Avenida Chile, 245, no Centro.

Os presépios não só representam o nascimento de Cristo, mas trazem referências da cultura e história dos países de origem. Na arte vinda do Japão, é possível ver Maria, José e o Menino Jesus feitos em madeira de bambu, com olhos puxados

e vestidos de quimono. No presépio feito no Cazaquistão, a estrebaria é substituída por uma cabana, comum nas regiões rurais do país.

Além da forma em que foram esculpidas e montadas, as peças são de materiais diferentes, em geral os mais característicos de cada país, como o couro de renas, do Canadá, ou de cobra, da Ilha de Java, principal ilha da Indonésia.

Padre Fernandes conta que adquiriu muitos presépios quando estava na Europa e na Feira Internacional de Artesanato, em Belo Horizonte, onde conseguiu a peça vinda do Cazaquistão. Segundo ele, durante esses anos todos em que vem montando a coleção, o que o mais o fascina é a criatividade do artesão.

– Não importa se é de lata ou de ouro. Tem presépio que eu comprei na mão de camelo na Praça General Osório. Tem de um mecânico que gosta de trabalhar com arame e fez um presépio todo de arame para mim. Eu sempre digo que não é o colecionador que faz a coleção, é a coleção que faz o colecionador.

Para ele, as exposições que realiza trazem de volta o sentimento familiar

do Natal, que parece ter sido esquecido com o consumismo desenfreado. Ele diz que quem deve ser o foco do Natal é o aniversariante.

– O Natal veio ao longo do tempo perdendo o sentido. Natal é o Nascimento do Filho de Deus. O consumismo e o Papai Noel tomaram conta. Não que eu seja contra isso, mas foi suplantado. A exposição traz um sentido de família. Você vê avós contando histórias, o que faz bem para as pessoas. Eu vejo até em adultos o olhar de crianças. É quase que um sonho que está ali na sua frente.

Do Brasil, são cerca de 50 peças adquiridas em diferentes regiões, principalmente do Estado de Minas Gerais, que destacam a diversidade natural do país. Há peças confeccionadas com sementes nativas da Amazônia, conchas, coco da Bahia, palha e buchinha de Minas e capim dourado do Centro-Oeste, por exemplo.

São Francisco de Assis ajudou a popularizar a representação da Natividade de Jesus, ao recriar a cena do Cristo que nasce pobre entre os animais, deitado em uma manjedoura. Desde então, todos os anos, famílias do mundo inteiro mantêm a tradição, que é uma das mais importantes do Natal. Uma das primeiras representações do nascimento de Jesus foi encontrada em um mural, pintado nas Catacumbas de Priscila, em Roma, e data do século III.



1. Resina, Itália
2. Cerâmica, Brasil
3. Bambu, Japão
4. Marfim, Bélgica